

Rádio Cidade entrevista o Kid Abelha no lançamento do disco "Tudo é Permitido"

Rádio Cidade: Paula Toller, George Israel e Bruno Fortunato. Sempre às oito e meia da noite. Você ligando 585-1029 participa do programa e ainda pode faturar LP's do Kid Abelha.

Paula Toller: Alô pessoal que tá ouvindo a Rádio Cidade, aqui quem fala é Paula Toller...

George Israel: George Israel...

Bruno Fortunato: E Bruno Fortunato. É o Kid Abelha, não é?

Paula Toller: É, e a gente tá aqui pra passar uma semana com vocês, contando como é a nossa carreira, como é que começou, falando uma porção de curiosidades e respondendo perguntas, mostrando disco novo. Então a gente já vai começando bem pelo começo mesmo. Começando com o início do grupo, que foi assim, por volta de 81... final de 81, início de 82. Eu fazia faculdade na PUC e era colega do Leoni na minha aula de francês. Já tinha uma porção de coisa, assim de fazer teatro e não sei o quê. E o Leoni já tinha uma banda do Colégio Santo Inácio, onde ele estudava. Eu comecei a ir a alguns ensaios e a partir daí passei a frequentar, assistir ensaios e tal. Dessa brincadeira, foi realmente uma brincadeira, não tinha um projeto de banda, foi rolando um contato, uma amizade, aí eu fiz uma letra (isso tudo não era Kid Abelha ainda não). E aos poucos, de vez em quando, aparecia alguém convidado - ah, vamos tocar. Vem guitarrista, vem não sei quem. - E um dia o Beni, que era baterista, falou "Vem um cara aqui que eu chamei pra tocar saxofone".

George Israel: É, aí eu pinteí lá e a gente foi se conhecendo. Por acaso a gente tinha um gosto até compatível, numa época que rolava um outro tipo de som. Todo mundo tinha uma afinidade por canções de música pop, mais cantadas, numa época que rolava muito instrumental. Eu cheguei meio de brincadeira mesmo. Fomos ensaiando. Tinha umas composições do pessoal, a gente começou a fazer arranjo e uma dia resolveram fazer um compacto só da gente, com duas músicas que eram "Pintura Íntima" e "Porque Não Eu?". Nessa época, um pouco antes, o Bruno... a gente já tinha tocado com vários guitarristas. Nenhum se encaixava. E nessa época o Bruno pintou, um pouco antes.

Bruno Fortunato: Acabei ficando, entrei. A gente gravou esse compacto que o George falou e, no final do ano seguinte, a gente gravava o primeiro LP.

Paula Toller: É, quer dizer, esse compacto, na verdade foi em 83. Foi no início de 83 que a gente gravou. Ele tinha "Pintura Íntima" no lado A e "Porque não Eu?" do lado B. E aí que foi o grande estouro mesmo. Pintura Íntima tocou no Brasil todo. Aí que começou realmente aquela loucura de programa de TV, viagens, ir pra São Paulo, gravar, não sei o quê.

George Israel: A primeira vez que eu ouvi essa música foi na Rádio Cidade, que nessa época a Cidade tinha esse lance de pegar uma música e lançar. Eu me lembro que tinha ouvido, há alguns meses, a música dos Paralamas, que a gente já conhecia. E a gente ficou "pô, que barato, a música do cara tá tocando na rádio". E a gente naquela expectativa, mas desconfiando, "Pô, será que vai rolar, vai tocar?". E eu me lembro a primeira vez que eu ouvi a música na Rádio Cidade, Pintura Íntima".

Paula Toller: Naquela época a gente ficava grudado no rádio, esperando tocar. Ligava para a família toda (risos). Era muito engraçado! Aquela música que o George falou, "Distração", a primeira, chegou a tocar um dia na Rádio Cidade. Uma vez, não sei quantas vezes, mas tocou um dia. Teve um show de lançamento desse LP "Coletânea" lá em São Conrado, showsão, grandão, assim pra rapaziada, pras bandas. A promoção desse show era da Rádio Cidade. Eu me lembro da gente ficar esperando e a música tocar, aquela música que a gente gravou, super inseguro. Foi super legal essa época. Eu acho que o que aconteceu na época é que realmente faltava um sangue novo. Tinha muito aquelas pessoas, os medalhões, como a gente diz, e por melhores que eles fossem já não estava atingindo um público que era o público da nossa idade na época, 18, 19 anos um pouco mais, um pouco menos velhos e tal. A gente tinha uma identificação com new wave, alguns com punk, entende? E não tinha esse reflexo aqui no Brasil. O que tinha de rock brasileiro já era da época dos Mutante ou então já meio progressivo. Não era algo que tenha atingido um público assim para um mercado tão grande. Principalmente um mercado de vender disco. E acho que essas bandas todas assumiram. Não foi um movimento intencional, porque não houve uma coisa anterior. As bandas não se encontravam num lugar e falavam "vamos fazer um manifesto e sair por aí". Foi mais ou menos todo mundo pipocando. E der repente a gente começou a ir pros lugares. Os Paralamas a gente conheceu na ordem dos músicos, fazendo prova para tirar carteira. Aí eles iam fazer show no Circo, aí tinha os Miquinhos, então todo mundo começou a se

encontrar. Você vê que era a época de acontecer. Foi muito também por uma coisa assim de baile que a gente começou a ir, porque no primeiro ano, em 83, a gente tinha um empresário meio pilantra (risos) e ele virou nosso empresário assim meio... sabe aquela coisa, bem aquele estereótipo de grupo ingênuo, que o primeiro cara que olha e vê uma mina de ouro e fala assim "pô vou ser empresário de vocês". E agente achando ótimo ter um empresário. E ele dizia que a gente não fazia show ao vivo quando ligavam. Então a gente só fazia playback, playback, playback, e a gente não entendia porque não pintava show ao vivo. Depois a gente ficou sabendo que o cara dizia que a gente não fazia. E nessa coisa de ir aos bailes funk, isso em 83, a gente começou a ouvir aquelas músicas que já tocavam naquela época. Porra, total, assim só bateria com tecladinho, no máximo. Umás coisas assim bem radicais mesmo. E a gente começou a se interessar por fazer alguma coisa daquele tipo. Então, acho que "Fixação" foi uma, uma...

George Israel: Música para playback (risos).

Paula Toller: Música para playback! Foi um começo. O primeiro resultado que isso deu.

George Israel: Acho que o grande lance do Rock in Rio, assim que a gente sentiu de diferença, foi coisa de show. É como se tivesse mostrado pro Brasil todo, Rede Globo, e pá, que show de bandas é uma coisa popular, uma coisa que é legal de as pessoas irem. É uma festa. A gente sentiu, nos shows que se seguiram, que foi uma época que abriu, quer dizer, a gente já vinha fazendo. Acho que a gente trouxe uma coisa importante também, que foi essa coisa de fazer show, de show em ginásio, que era uma coisa que não tinha. De todo mundo em pé, dançando no show. Que antigamente o show de música era show de teatro, todo mundo sentado. Eu me lembro que eu mesmo ia muito a show de... raramente um show desse tipo que a gente faz hoje, que era a Rita Lee que fazia. Uma coisa assim mais pra massa, uma coisa de você ficar em pé e dançando. A gente trouxe isso. E na verdade, o RIR, quando pintaram as bandas estrangeiras, a gente já tinha preparado esse público para ir ver esses shows, porque a gente tava dando esses shows já há uns dois anos. E acho que isso projetou pro Brasil inteiro o RIR. A gente sentiu, muito mais, o reflexo de fora, assim quando chegava nas outras cidades: "Pô, vocês tocaram no Rock in Rio!". Pra gente mesmo, na hora, não foi nada de tão assim. A gente já tinha tocado em outros shows grandes também, shows em praias, até aquele primeiro show que a gente fez, e tal. A gente já tava acostumado a dar show pra muita gente. Acho que foi mais uma coisa de projetar pro Brasil todo. Televisão tem essa coisa de você tá

achando que está rolando ali mas tá rolando no Brasil todo, naquela cidadezinha lá de não sei aonde, e chegou.

Paula Toller: Ficou oficial, entendeu? Que era um negócio que já tava no maior gás e aí a Rede Globo diz que existe.

George Israel: Aí vira realidade (risos)

Leoni (gravação): Paula, aqui quem tá falando é o Leoni, tudo bem? Vem cá, a gente fez, juntos, algumas das músicas que fizeram muito sucesso no começo da década de 80, no começo da nossa carreira, feito "Como Eu Quero", "Pintura Íntima", "Garotos" e várias outras. E eu me lembro que você não compunha, eu queria que você lembrasse para mim e para os teles... pros ouvintes da Rádio Cidade como é que você começou nessa coisa de compor, como é que foi sua primeira composição. E um convite no ar: Que que você acha de a gente voltar a fazer algumas músicas juntos? Tá? Um beijão, tchau.

Paula Toller: Ai, Ai, agora lembrei (risos). Bom, um beijo grande também. É uma história que é o seguinte, eu contei aqui no programa, eu estudava francês junto com o Leoni e ele tinha uma banda do Santo Inácio. Um dia eu fiquei perguntando à beça sobre essa banda, como é que era, como é que não era, e ele me contou como é que fazia, aí chegou no dia seguinte eu escrevi uma letra de música, foi isso. A primeira coisa que eu fiz foi escrever uma letra de música inteira, do princípio ao fim. E era uma música que contava (risos)... Parecia uma coisa assim do Dusek, esse tipo de coisa que conta uma estória, entendeu? Era a estória de uma mulher que fazia uma operação para mudar de sexo e para virar... Um homem que fazia operação para virar mulher, e virava sapatão, se apaixonava (risos)... É bem mesmo, pensando bem, aquelas coisas de Dusek, não sei o que da empregada que vai para a Europa com não se o que, é bem aquele estilo. Vai contando, tem um início, meio e fim da estória. Aí o cara virava mulher e só se apaixonava por mulheres (risos). E aí, essa letra de música, eu entreguei pro Leoni, tudo na aula (era boa essa aula!). Ele levou e os garotos do conjunto se amarraram e fizeram uma música, de cara, já com a letra inteirinha, não mudaram nada e fizeram a música. Eu acho que minha primeira experiência como compositora foi essa. E quanto ao convite, tá feito, e acho que oportunidades não vão faltar. A gente vai se encontrar, com certeza, por aí, para compor mais músicas.

Paula Toller: Esse disco, "Tomate", é o terceiro LP inédito da gente. Antes dele teve um LP ao vivo com só uma música inédita. Foi engraçado esse disco, em termo de

crítica, porque ao mesmo tempo que ele foi um disco bastante criticado, ele foi o primeiro disco da gente que certos jornais e revistas falaram bem de uma música. Então, na verdade, eu acho, hoje em dia, que se pegar todos os nossos discos, que aquele é o mais perdido. E eu acho que é a cara de ser. Eu acho que tem tudo haver ele ser perdido daquele jeito, porque a gente estava procurando vários caminhos diferentes. Então ele não ficou um disco muito coerente, eu acho. Agora, tem essa coisa engraçada, foi a primeira vez que eu vi uma revista, a Bizz, falar bem de uma coisa da gente, de algo da vida da gente (risos). Falaram que tinha uma música, que é "Amanhã é 23", que tinha um grande sucesso, e que tinha uma ótima música, que era a "Dance", que é uma música que nem fez sucesso. Então é engraçado isso. E justamente "Tomate", que era a música título do disco, era uma música falando sobre a crítica de arte. Por isso que é Tomate. Na verdade a gente jogou o tomate neles antes (risos). A crítica sempre foi muito dura com a gente, assim, mais ou menos, dando um contraponto pro sucesso, pra execução das músicas nas rádios, pra vendagem de discos. E eu acho que por mais que você possa ficar chateado quando lê uma crítica ruim, ou satisfeito quando lê uma crítica legal, eu acho que isso tudo se perde um pouco. Na verdade, tudo funciona pra mesma coisa. Você tá sendo falado, acho que é aquela velha coisa: "falem mal mas falem de mim". Funciona realmente. Eu acho que essa coisa de imprensa, principalmente imprensa escrita, jornal, eles precisam de assunto polêmico, entendeu? Então, se hoje o negócio é falar bem, porque vai dar um auê, então fala bem. Se amanhã tem que falar mal, fala mal. Acho que a gente, com uma certa experiência, já dá pra pensar esse tipo de coisa e não ficar tão mortificado, por exemplo, com uma crítica ruim.

CADEIRA ELÉTRICA: Paula Toller, você acha que existe Millie Vanille no Brasil? Dá pra fazer um playback aí?

Paula Toller: Ih! olha, dava para encher o Maracanã. Tem mais do que torcida do Flamengo. Olha, desde que eu me entendo por gente tem armação. A gente pode dar vários nomes: Armação, picaretagem, banda inventada pelo diretor da gravadora, artista que não canta, que não faz nada, só aparece. E na época que a gente apareceu tinha também, entendeu? Então é natural que haja uma certa confusão, e no Brasil existe um mercado muito grande para isso. Na verdade, quando apareceu esse escândalo do Millie Vanille, ficou uma coisa assim, nos Estados Unidos: "Não! porque o Grammy... tiraram... Oh meu Deus!!!!". Pô, aqui no Brasil pegam-se uns quarenta e oito mil Millies Vanilles em cada cidade (risos). A gente que está acostumado a frequentar, por exemplo, programa de

televisão, que vai todo tipo de música e de artista, a gente vê isso sim. Cansa de ter gente que nunca foi num estúdio na vida, que é só uma figura com uma certa empatia. Aí um grupo só de mulher não sei de que idade. Um grupo só de gente que gosta de comer mamão, entendeu? (risos). Tem todo tipo de coisa.

George Israel: É, eu acho que isso aparece muito, também, numa época que não tá acontecendo nada. Não tá tocando nada de verdadeiro, aí vamos inventar alguma coisa, que tem que acontecer alguma coisa. Esse lance de lambada, por exemplo, É uma coisa que todo mundo sabe que é uma música super forte no mundo. Aí você fica esperando, pô, o que será que vai dar certo, de brasileiro, lá fora? Será que vai ser o Gil? Será que vão ser as bandas? E aí vem alguém que tá sentindo essa tendência...

Paula Toller: Vem um francês! (risos)

George Israel: Vem um francês esperto, que aí é uma coisa mais empresarial até. Uma coisa de sacação, ou de acesso ao mercado, e vê que as pessoas estão querendo ver uma coisa sensual, tropical, não sei o que, que se ele for procurar um artista de verdade, der repente, nenhum vai se encaixar em todas aquelas coisas que ele idealizou. Então ele fala "Pô, vou inventar um". Ele inventa uma coisa que você vê que pode dar certo porque o público tava pronto pra receber aquilo. Então, acho que isso é uma coisa de "já que não chega uma coisa real, chega uma armação, inventa e ganha dinheiro com isso. Mas acho que isso não tira a possibilidade de coisas mais espontâneas acontecerem. Na verdade a gente tinha até um contato de gravadora, assim de interesse de conhecer as pessoas lá, de fazer versões em inglês e tal, mas é uma coisa muito... tem um momento certo, eu acho, disponibilidade de tempo, de morar lá, sei lá. A gente foi tocar lá, foi tipo assim, "pô tocamos nos Estados Unidos!". Mais uma coisa da gente, de excursão da gente, pra tocar lá (risos). Mas ao mesmo tempo, esse ano pintou uma proposta da gente gravar o "Grand Hotel" em espanhol. Um interesse que veio da Warner internacional, pra poder lançar no mercado latino. Mas são coisas assim que a gente não tem a mínima noção do que pode acontecer, ou não. A gente tá tão preocupado com o Brasil, que a gente não tem como se dedicar a isso. A gente tá pensando em gravar. A Paula, inclusive, esteve na Argentina, no show do Charly Garcia, que ela canta no disco dele, ela participa do show. O pessoal conhece a música, toca na rádio, a música da gente toca na rádio e tal, em português mesmo. Então, a gente está aberto as possibilidades.

Paula Toller: Estamos aqui de novo, com vocês, mais um dia de trabalho, mais um dia de novidades, fofocas e tal. Hoje a gente vai falar um pouco, finalmente (risos), depois

de tanta história, sobre o disco novo, que a gente tá lançando agora, que se chama Tudo é Permitido, e já começa por esse título, que é uma frase de uma das músicas que se chama "A Indecência". Essa música, a letra, é uma adaptação de um poema, de um poeta inglês, que se chama D. H. Lawrence. Era um poema assim: "A indecência pode ser normal, saudável, na verdade um pouco de indecência é sempre necessário em toda vida para mantê-la normal, saudável". E eu, como gostei muito do poema, achei que falava coisas bem interessantes, resolvi botar em música, mas simplificar bastante. Então virou "A indecência pode ser saudável, a indecência pode ser normal, um pouco de indecência é sempre necessário, para manter uma vida normal". E aí foi ficando super musical. E esse "Tudo é permitido" é do refrão "Tudo é permitido se o sentimento for verdadeiro". Representa um pouco, também, o que a gente estava desejando fazer com esse trabalho. Que é, realmente, deixar nossas vontades aparecerem bastante, sem que isso seja uma coisa de atirar para todos os lados. Fazer aquilo que a gente estava, realmente a fim de fazer. E isso eu acho que a gente tentou até o último minuto de estúdio. Eu acho que esse disco é bem fechadinho. Todas as músicas tem haver umas com as outras. E esse título é bem fim de século, eu acho. Esse "tudo é permitido" é muito isso, também: Olha, estamos aqui, rolou, e aí? É para frente? Não adianta você só poder fazer tudo, você tem que fazer alguma coisa, você tem que ir para à frente de algum jeito. Realmente, teve muitas mudanças fortes de comportamento. Até nessa coisa de relacionamento, entendeu? Agora, eu acho que a AIDS não foi à única coisa que fez tudo isso acontecer. Eu acho que já se estava procurando relacionamentos diferentes. Você vê que casamento, por exemplo, foi uma coisa que ficou super em baixa, der repente você vê todo mundo casando, por mais que não seja o casamento no cartório, assinado. Mas você vê relacionamentos de casamento, entendeu? O problema da AIDS é um problema científico, não faz ninguém voltar no tempo de uma forma tão absurda. É óbvio que você tem que ter precauções, mas isso não quer dizer que as cabeças das pessoas mudem. Acho que muita gente usa isso para tentar doutrinar de novo, principalmente as pessoas mais novas, as crianças e adolescentes. Claro que deve ter muita gente dizendo "Meu filho, você tem que ir pro convento, sei lá o quê". Mas já é uma questão da própria sociedade ir digerindo isso. Eu acho que precisa informar muito as pessoas sobre o que é isso, sobre o que fazer, entendeu? Porque não dá só para dizer "acabou tudo agora. Vamos voltar para a idade média. vai botar na fogueira se transar". As pessoas tem que saber o que acontece. Já estava rolando uma... Não é uma volta não, é uma outra coisa, de uma forma nova de ver as coisas, já saindo daquela época de drogas, que todo mundo experimentou drogas quase que como uma religião. Agora o que você vê, em termos de drogas, é que já está

fora de moda. Por mais que se use muita droga, ainda, já não é um negócio "na moda", como foi, já não é legal. Todo mundo faz campanha antidrogas. Artistas que já enfiaram o pé na jaca (risos), já foram muito loucos, entendeu? E estão aí, totalmente defendendo uma coisa mais saudável, que não é aquela coisa, malhação, você ser burro, não tem nada a ver com isso. É uma coisa saudável mesmo, em todos os sentidos.

Paula Toller: Acho que cinema é uma coisa que te dá muita margem a fazer música e até a participar, quer dizer, como artista de música em cinema. Fazer trilha. Não só fazer uma música pra botar no filme, mas também tem gente que faz a trilha. Acho isso divertido. Acho que o cinema tá meio em baixa mais assim que voltar a acontecer é um caminho legal para a música, também. O diretor do filme, que é o Lui, o meu marido, ele tava fazendo o filme e a gente conversava muito sobre isso. E ele começou a ter umas ideias para escrever sobre a personagem, que era a Lili. A gente ficava conversando, conversando, conversando. Ele estava em dúvida sobre a quem ele pedia para ter uma música. E nessas conversas eu acabava, em vez de ficar realmente conversando do jeito que ele tava conversando comigo, eu ficava anotando umas frases que ele falava (risos) e acabei fazendo junto com ele, usando muitas dessas frases e até esse título que eu acho bem a cara do personagem, que é bem bombástico, bem exagerado. Bem sugestivo, né? *Sexo e Dólares, crime.* É a primeira vez, nesse nosso 5º LP inédito, 7º LP de fato, que a gente regrava a música de alguém. E foram tantos acasos que fizeram a gente regravar essas músicas que hoje eu já acho que foram totalmente de propósito. As duas músicas são da mesma época, as duas músicas falam das mesmas coisas, ou seja, não tá legal, vou embora, tchau. Tô indo embora. Elas são duas músicas pop brasileiras. Essas músicas me chamaram a atenção em filmes, porque elas fazem parte de trilhas de filmes. Então, foi tudo tão assim que, de repente, quando eu as vi no disco, já prontas, eu falei: "pô, essas músicas eram obrigatórias nesse disco". Não tem nada haver com uma onda de regravações. Elas são perfeitas. Elas encaixam com as músicas da gente, com as músicas novas. Elas são duas músicas pop dos anos 60, do Brasil. A música "Fuga nº 2", dos Mutantes, foi a 1ª que a Rita escreveu sozinha, letra e música. A outra é do Tim Maia, "Não vou Ficar", que não é raiz, mas é a nossa raiz, de uma certa forma. São alguns dos ícones que se pode ter hoje na música popular. Quando eu descobri isso, foi tudo depois, mas eu achei maravilhoso. Então eu falei: "É isso mesmo, tinham que ser essas músicas mesmo".

CADEIRA ELÉTRICA: Paula Toller, o público já viu a sua calcinha. Nós já vimos a sua calcinha. Paula Toller, é verdade que você gosta de mostrar sua "abóbora" em público?

Paula Toller: não, eu acho engraçado porque eu acho que se tivesse... Se eu tivesse levantado à saia e tivesse sem calcinha, acho que não teria causado tanta coisa como com a calcinha, aquele objeto.

LOCUTOR: O último da série, iniciado na 2ª e terminando hoje. Kid Abelha 8:30, aqui na Cidade. Paula Toller, Bruno e George conversando com a gente.

Paula Toller: É, eu acho que é muito difícil definir esse mundo atual. Mas eu não sou totalmente pessimista. Eu acho que muita coisa de ruim vai acontecer e, agora, acho que tá muito em falta uma coisa em que você possa acreditar, uma nova coisa, uma nova forma de viver que vai criar uma nova arte, uma espécie de renascimento. Você vê que a moda é sempre uma coisa dos anos 50, anos 60, ou dos anos 20, ou não sei o quê. Então, nesse século aconteceu muito isso. No início do século teve coisas novas e aí foi até a metade, e depois da metade começou a ter várias releituras. E agora chega esse fim de século e as pessoas estão meio desesperadas está tudo rolando, mais ou menos, ao mesmo tempo, todas as coisas ruins e coisas assim totalmente pro futuro, com a genética, com altos avanços e uma coisa meio degradante muito grande, muita miséria, muita pobreza e tal. Então, eu acho que precisa aparecer uma coisa nova por aí. Em todos os sentidos. Talvez até filosófica mesmo, que vai puxar todo um lance. E você sente que as pessoas estão em crise, que não é só financeira, principalmente no Brasil, mas que não é só no Brasil. É uma coisa de ideias, ideias novas. É uma coisa que não é nem aquilo que tava, que era o careta, nem é o malucaço, todo mundo se matando de drogas. Já é outra coisa nesse sentido de "como viver". E nessa hora, que está tudo misturado, é realmente difícil você dizer o que vai ser. Mas tem que ser outra coisa. Talvez comece nessa década. Tomara.

CADEIRA ELÉTRICA: Paula Toller, você já deve ter ouvido a frase "relaxa que não vai doer". Você se lembra da sua 1ª vez? Lembra? Doeu?

Paula Toller: Ainda não me lembro (risos).

CADEIRA ELÉTRICA: Não lembra?! Eu tenho um remédio aqui muito bom pra amnésia.

CADEIRA ELÉTRICA: Paula Toller, vai ficar pelada ou não vai?

Paula Toller: (risos) Me dá um certo nervoso as pessoas pegando aquela foto sua pelada.

LÉO JAIME (gravação): Aqui é o Léo, eu queria fazer uma pergunta. A pergunta é a seguinte: Até que ponto e de que forma os bebês kid interferiram, acrescentaram, transformaram as vidas de vocês e também as direções do grupo. De que forma isso apareceu nas composições. Até pouco tempo atrás vocês eram filhos e agora vocês passam a ser pais. Para quem não sabe, a Paula tem o Gabriel, o George tem o Frederico e o Bruno tem mais de 600 filhos espalhados pelo Brasil. Então essa é a minha pergunta. Um beijo para vocês.

Paula Toller: Primeiro, aqui, eu retribuo o beijo do Léo Jaime. Acho que é aquela coisa, meio oriental, quem faz a pergunta muito bem feita, é porque já sabe a resposta. Ele falou que a gente deixou de ser filho e passou a ser pai. É exatamente isso. Você passa a ter uma família de você pra baixo, seus descendentes. Isso cria uma série de pensamentos em relação ao mundo. Você finca o pé um pouco mais no chão. No meu caso, em particular, eu fiquei mais franca, mais trágica, não no sentido de derrotista ou pessimista, ou deprimida, nada disso. Mas acho que eu passei a ter sentimentos mais violentos.

Paula Toller: Então, a gente está chegando ao fim da nossa saga semanal aqui na Rádio Cidade. A gente aqui nesse estúdio tentando dar um pouco de calor para as nossas vidas nessa Sibéria eletrônica (risos). Agora a gente vai deixando nossos beijinhos e abraços para as pessoas que ficaram escutando a gente e vai escolher umas músicas, cada um, então já pode começar, eu vou pensar ainda a minha (risos). Quem quiser já pode começar a escolher.

George Israel: Então, foi super legal estar aqui... então valeu (risos). A gente já falou demais. Não tem muito mais o que falar. Foi legal conversar, lembrar essas histórias que a gente tem e ouvir essas músicas todas e... (risos). A Paula tá me dando a dica aqui de que eu tenho que pedir uma música. Vou pedir a música do disco novo. É uma música que eu canto. chama-se "Eletricidade". Vou puxar a sardinha pro meu lado. Essa música é

uma música especial que a gente compôs com o Cazuza e é uma letra que estava perdida, ninguém sabia onde estava. A gente tinha feito uma música juntos e nesse ano ela apareceu e ficou legal. É uma música feita para homem cantar. A Eletricidade é uma mulher e a Paula achou legal que eu cantasse e eu vou colocar ela.

Bruno Fortunato: Bom, eu queria me despedir de vocês. Foi super legal bater esse papo durante a semana e eu vou pedir uma música que se chama "A Indecência".

Paula Toller: Bom, acho que a gente já ouviu algumas coisas do disco novo aqui, as coisas que tem tocado e tal. Então eu vou pedir uma que eu acho bem decoração dessas aí que é "Fantasias".

LOCUTOR: Kid Abelha 8:30 teve apresentação de Paulo Beto, montagem de Sérgio Loureiro, Cadeira elétrica: Carlos Alberto, pesquisa e produção Querubim.